

SABERES DO CANTAR TENTEHAR E EDUCAÇÃO INDÍGENA

Maria José Ribeiro de Sá¹

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão. maria.sa@ifma.edu.br

RESUMO

O objetivo desse artigo é abordar os saberes do cantar Tentehar discutindo a sua relação com os processos educacionais próprios desse povo. O estudo foi desenvolvido metodologicamente a partir de uma pesquisa qualitativa, com enfoque fenomenológico, sustentado por procedimentos da etnografia, caracterizado ainda, como um estudo de caso do tipo etnográfico. O local da pesquisa foi a aldeia Juçaral, uma das aldeias situadas na terra indígena Arariboia, zona rural do município de Amarante do Maranhão. Como recursos metodológicos utilizei a observação participante, entrevista semiestruturada, e a fotoetnografia. Os sujeitos da pesquisa foram cantores tradicionais Tentehar, pois possuem uma vivência concreta no saber cantar Tentehar. Concluo afirmando que os saberes do cantar promovem o enraizamento cultural reatualizando eventos do cotidiano e regras culturais Tentehar. Dessa forma, evocam a identidade cultural e o ethos dos Tentehar, que em essência busca a relação harmoniosa entre natureza e a sobrenatureza.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Indígena. Saberes culturais. Saberes do Cantar Tentehar.

INTRODUÇÃO

Objetivo do artigo é abordar os saberes do cantar Tentehar discutindo a sua relação com os processos educacionais específicos desse povo. Os resultados foram obtidos por meio de um mapeamento de saberes e práticas da cultura Tentehar. Na qual um dos saberes mapeados foi o saber cantar Tentehar. A pesquisa aconteceu na aldeia Juçaral, uma comunidade do povo Tentehar, localizada na porção sudoeste da terra indígena Araribóia, situada na zona rural do município de Amarante do Maranhão.

¹ Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará – Linha de Pesquisa: Saberes culturais e educação da Amazônia. Pedagoga do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Maranhão/Campus Imperatriz . Email: maria.sa@ifma.edu.br/mariasa31@hotmail.com.

O estudo foi desenvolvido metodologicamente a partir de uma pesquisa qualitativa (GHENDIN; FRANCO, 2011), com enfoque fenomenológico, sustentado por procedimentos da etnografia (GEERTZ, 2012) e da cartografia de saberes, (BARROS; KASTRUP, 2011), (SILVA, 2011), (OLIVEIRA; MOTA-NETO, 2011), caracterizado ainda, como um estudo de caso do tipo etnográfico (ANDRÉ, 2007).

Ao adentrar no universo simbólico dos Tentehar utilizei como técnicas de produção de dados a observação participante (ANGROSINO, 2009), entrevistas semiestruturadas (SZYMANSKI, 2011). Assim, observei alguns rituais Tentehar, como a festa de iniciação feminina, do moqueado e dos rapazes. Um dos saberes indispensáveis para o acontecimento dos rituais acima mencionados é o saber cantar, e dos seus portadores, o cantor Tentehar.

Dessa forma, foi possível mapear os saberes do cantar com a entrevista de cantores tradicionais que tem a vivência concreta desse saber. Ainda de forma complementar, porém não menos importante, os registros visuais por meio de fotografias foram feitos durante todo o trabalho de campo, como técnica que pode ampliar os contornos das formas iconizadas da cartografia (MARTINS, 2008), (ACHUTTI, 2004).

Inicialmente apresento a concepção de saberes culturais defendida por Brandão (2006), Charlot (2000) e Albuquerque (2012). Identifico que os saberes culturais Tentehar são de base oral e tem nos velhos seus principais educadores. Na sequência apresento os saberes do cantar Tentehar mostrando os ensinamentos e processos educativos inerentes a esse saber.

Nas considerações finais mostro que os saberes do cantar são fundamentais ao fortalecimento do universo cultural dos Tentehar, já que promovem o enraizamento cultural reatualizando eventos do cotidiano e regras culturais. Dessa forma, evocam a identidade cultural e o ethos dos Tentehar, que é a relação harmoniosa entre natureza e a sobrenatureza.

2 EDUCAÇÃO E SABERES CULTURAIS

De acordo com Brandão (2006), é das práticas sócio-pedagógicas do dia a dia, de quem sabe faz e ensina e quem não sabe e aprende, que emergem os saberes, os valores, os imaginários, as crenças. Existe, portanto, uma intrínseca relação entre cultura e educação. Educar e aprender faz parte da dinâmica da vida. A esse respeito fala o mesmo autor que a educação resulta em processos de “interação de saberes em graus e modos sempre amplos e profundos” (BRANDÃO, 2002, p. 26).

Os saberes decorrem de construções coletivas experienciais. Nessa direção reconhece Charlot (2000, p. 63) que o saber é uma relação, ou seja, “o saber é construído em uma

história coletiva”. Os saberes são, portanto, formas de entender, descrever e explicar a realidade coletivamente.

Neste estudo trabalho com a ideia de saberes culturais como:

Uma forma singular de inteligibilidade do real fincada na cultura, com a qual determinados grupos inventam e reinventam o cotidiano, criam estratégias de sobrevivência, transmitem seus saberes e perpetuam seus valores e tradições. (ALBUQUERQUE, 2012, p. 24, grifo meu).

Como povo originário das florestas, a base da vida material e religiosa dos Tentehar está nas matas, na natureza. É na floresta, por meio de práticas cotidianas, que tradicionalmente aprenderam a dar sentido aos seus modos de viver e praticar suas diferentes formas culturais. Nessa perspectiva, a mata assume diferentes funções nesse processo de reprodução: pode ser um lugar para a prática da caça, da coleta de plantas curativas, e também como espaço de proteção dos infortúnios; é ainda o lugar de onde retiram os enfeites e as tinturas para celebrar suas festas, que na sua essência configura-se como uma celebração da vida. Na poesia de Loureiro (2008, p. 359): “a floresta nasce de uma semente que brota no útero da terra. Uma floresta é também uma plantação de símbolos”. Foi e é, portanto na floresta, por meio de práticas cotidianas, que tradicionalmente aprendem e dão sentido aos seus modos de viver e praticam suas diferentes formas culturais. Portanto, a floresta conforma-se como um espaço que abriga múltiplos saberes, imaginários, representações e práticas.

2.1 O saber cantar: homenagem aos pássaros e animais da floresta

No imaginário Tentehar, seus cantos e danças, seus ritos e suas crenças, configuram diferentes códigos e gramáticas, que ordenam a própria vida social. Como nos diz Brandão (2002), funcionam como ‘mapas simbólicos’ de roteiros de preceitos e princípios, a qual constitui a sua cultura.

O saber cantar faz parte de todas as celebrações ou rituais tradicionais Tentehar, pois como dito anteriormente ao realizar diferentes rituais esse povo pode expressar a sua alegria por toda fartura que a natureza pode-lhes proporcionar. Para reverenciar a natureza os Tentehar celebram os seguintes rituais: *feira do mel*, *feira iniciação da menina moça*, *feira de apresentação da menina moça ou do moqueado*, *feira dos rapazes*, *feira do milho e da mandiocaba*¹.

Imagem 1 – Os saberes do cantar na festa dos rapazes Tentehar



Fonte: acervo fotográfico de Maria José Ribeiro de Sá, 2014.

Desde tempos imemoriais quando os Tentehar passaram a celebrar a festa da mel, que o saber cantar passou a ter um papel significativo nesses rituais celebrados pelos Tentehar. Sem cantor, não há ritual. É por isso, como me explicou Toinho Guajajara, os Tentehar não mais celebram as festas do milho e da mandiocaba, pois os cantores mais velhos ainda vivos, não conhecem os cânticos que envolvem a execução dessas duas festas. Dessa forma o saber cantar é fundamental para o fortalecimento da cultura Tentehar, considerando que para Vainfas (1995, p. 35), em Mircea Eliade “ritualizar o mito é, portanto (re) vivê-lo, ‘no sentido em que se fica imbuído da força sagrada e exaltante dos acontecimentos evocados e reatualizados’”.

São, portanto, os cantores que detêm boa parte do patrimônio cultural imaterial desse povo, visto que carregam consigo na memória várias narrativas mítico-lendárias do imaginário Tentehar que explicam a origem de cada ritual, nos muitos cânticos que compõem o repertório de cada festa. Os cantos são entoados ao som do único instrumento que utilizam em suas festas, os maracás.

Utilizado para acompanhar os cânticos, o maracá simboliza “a voz dos espíritos” (ZANNONI, 1999, p. 30). Por isso, é considerado um instrumento sagrado, e tradicionalmente só os cantores podem fazer uso destes nos rituais. Usar o maracá exige preparação prévia por meio dos cantos, pois reza a tradição, que “a primeira vez que uma pessoa o pega, sente um choque” (ZANNONI, 1999, p. 30). Os rapazes são iniciados oficialmente nas atividades de cantoria, caça/guerra e pajelança no ritual de iniciação masculina, visto que as práticas que exigem conexão com o sobrenatural estão restritas aos homens.

De acordo com a fala de Toinho Guajajara é possível perceber a presença de três níveis hierárquicos na carreira de um cantor Tentehar, que são: aspirante a cantor, o cantor profissional e o mestre das cantorias. Assim, quando ele começou a cantar nas festas tradicionais, quando os mestres entregavam o maracá para ele cantar, era apenas um **aspirante** a cantor profissional. Hoje, já é um **cantor profissional**, pois sabe cantar a festa da menina moça, sem a presença dos mestres. Num futuro breve, provavelmente se tornará um **mestre de cantorias**, como foi seu falecido avô, mestre Chicão. Os mestres de cantoria são aqueles cantores que já têm gravados na memória o vasto repertório musical que integram as festas Tentehar, conduzem o cerimonial de cada ritual e, assim, portam um acervo histórico dos cantos e das narrativas míticas que explicam o sentido de cada celebração, são verdadeiros “homens-memória” (LE GOFF, 1990, p. 371). Assim, os mestres de cantorias Tentehar são ao mesmo tempo cantores e educadores, sábios que ensinam aos mais jovens os saberes do cantar.

O mestre ensina durante os rituais, dá a oportunidade para o jovem aprendiz ter a vivência cultural de entoar um canto e balançar o maracá, ou de poder observar, sentado atrás dos cantores, como cantam e dançam. Nessa direção, os ritos “são aulas de codificação da vida social e da recriação, através de símbolos que se dança, canta e representa, da memória e da identidade dos grupos humanos” (BRANDÃO, 2006, p. 23).

É na vivência cultural da festa do mel, de iniciação da menina moça, do moqueado e dos rapazes, que os Tentehar têm a oportunidade de participar dos mesmos rituais fundadores de seus antepassados.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim é possível inferir que os saberes do cantar são fundamentais o fortalecimento do universo cultural dos Tentehar, já que por meio desses saberes esse povo é ensinado geração pós geração, os seus valores, crenças, isto é, são educados para viver a sua cultura segundo seus ancestrais.

Ao ensinar os acervos das suas histórias culturais presentes nesses cantos durante os seus rituais os mestres de cantorias não só transmitem aos Tentehar um vasto patrimônio cultural imaterial, mas promovem o enraizamento cultural reatualizando eventos do cotidiano e regras culturais. Dessa forma, evocam a identidade cultural e o ethos dos Tentehar, que é a relação harmoniosa entre natureza e a sobrenatureza. Assim, conseqüentemente educam para convivência harmoniosa entre natureza e sobrenatureza.

¹ Quanto às festas do milho e da mandiocaba estas já não são mais realizadas pelo Tentehar do Maranhão, conforme identificado durante a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, L. E. R. **Fotos e palavras, do campo aos livros**. Disponível em: <<http://www.fotoetnografia.com.br>>. Acesso em: 27 abr. 2013.

ALBUQUERQUE, M. B. B. **Beberagens indígenas e educação não escolar no Brasil colonial**. Belém: FCPTN, 2012.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2007.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARROS, L. P. de; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 52-75.

BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

_____. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

GHENDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LOUREIRO, J. de J. P. Olhar ontológico. In: MAUÉS, R. H.; VILLACORTA, G. M. (Org.). **Pajelanças e religiões africanas na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2008. p. 357-360.

SZYMANSKI (Org.). **A entrevista na educação: a prática reflexiva**. 4. ed. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.

VAINFAS, R. **A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

ZANNONI, C. **Conflito e coesão: o dinamismo tenetehara**. Brasília: Conselho Indigenista Missionário, 1999.